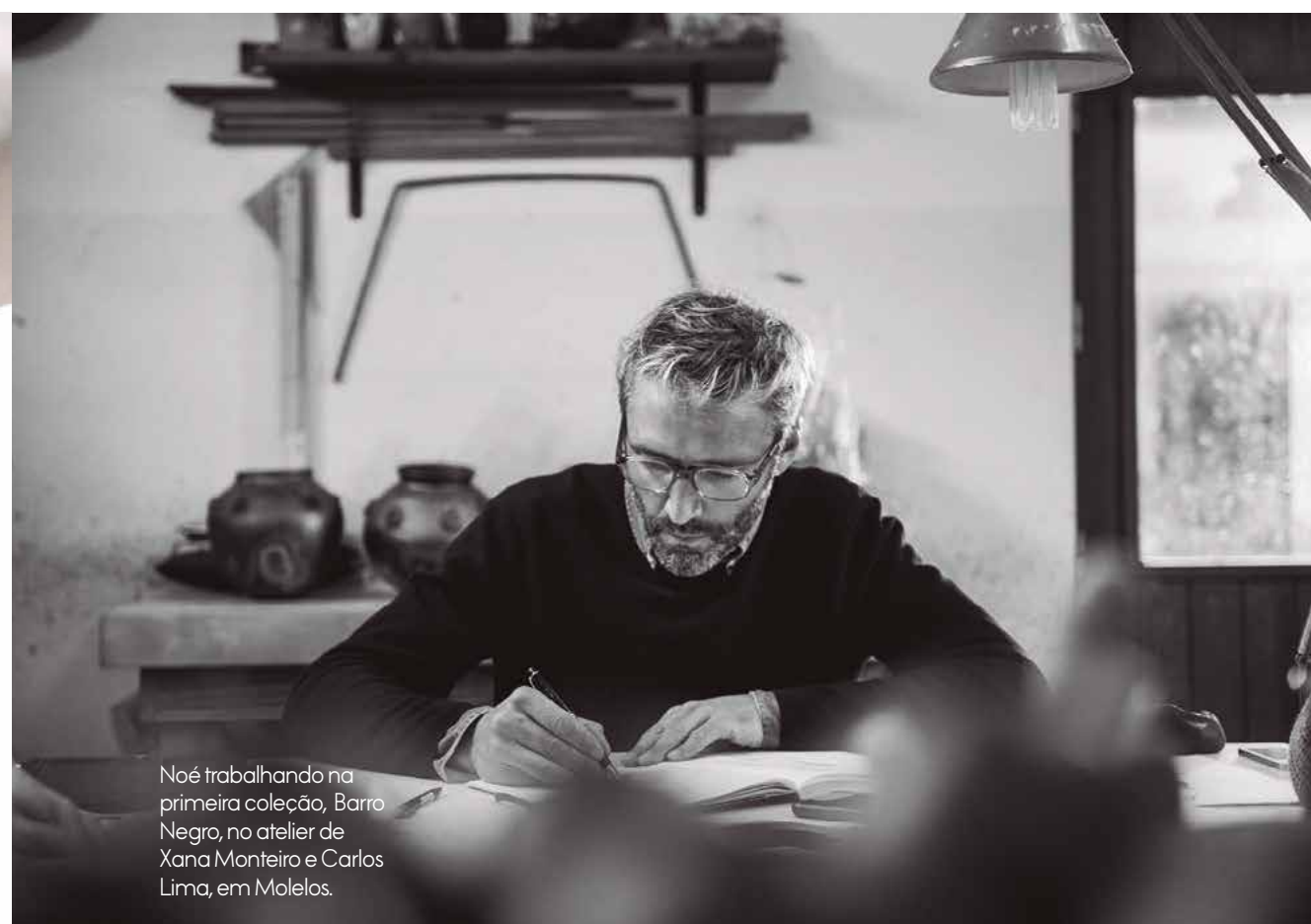




O jardim de inverno do espaço, localizado na Travessa do Rosário, Lisboa. Noé sentiu as linhas das paredes como uma ligação direta à estética e ao logo Made in Situ.

Mais que um atelier, Made in Situ é uma plataforma que promove o diálogo entre o design, os artesãos portugueses e as suas técnicas.

POR SANDRA GATO



Noé trabalhando na primeira coleção, Barro Negro, no atelier de Xana Monteiro e Carlos Lima, em Molelos.

O designer francês Noé Duchaufour-Lawrance escolheu Portugal para enraizar um projeto de raízes. Não é trocadilho, é vontade de tornar palpável a certeza que ele tem que os materiais, técnicas, texturas e artes artesanais fazem sentido porque são um todo. Um todo que é preciso conhecer, relacionar, contextualizar e respeitar.

**Onde é que a vida o levou antes de o trazer para Portugal?**  
Passei a maior parte da minha vida profissional em Paris. Mas sempre viajei muito, dentro e fora de França. Vivi mais de um ano em Marrocos, por exemplo, enquanto estudava, onde tive contacto direto com vários artesãos.

Muitos projetos diferentes transportaram-me pelo mundo: Japão, Itália, Estados Unidos, Suécia... Também gosto muito de visitar regiões francesas – a Bretanha, claro, porque faz parte da minha história pessoal, Arles, Marselha...

**Consegue traçar a sua evolução profissional através de alguns dos seus trabalhos mais icónicos?**

O Sketch, o Senderens, o lounge CDG 2E da Air France, o Chalet La Transhumance, as lojas Montblanc, a secretária

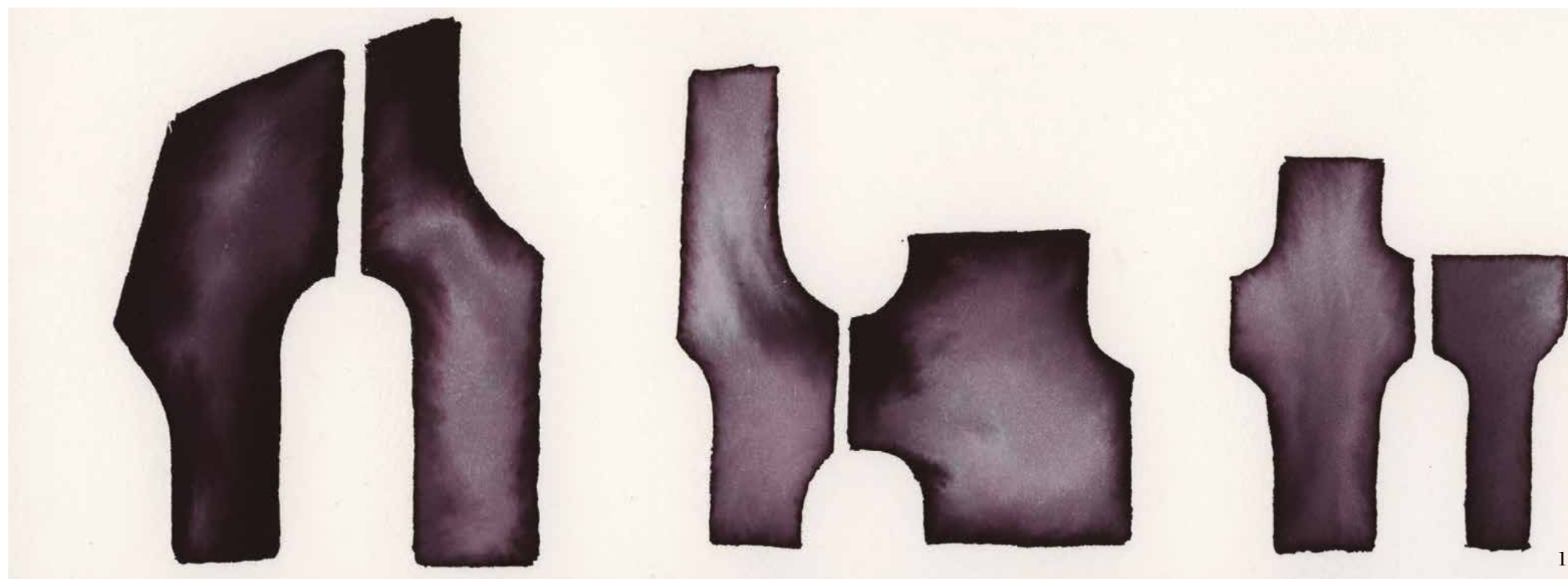
Manta Ceccotti Collezioni, Ottoman Ligne Roset, Corvo and Harper para Bernhardt Design, o sofá Séliier para a Hermès, a coleção Folia para St Louis Crystal, Caractere for Revol, a Raw collection para Taiping Y...

**E como se define profissionalmente neste momento?**

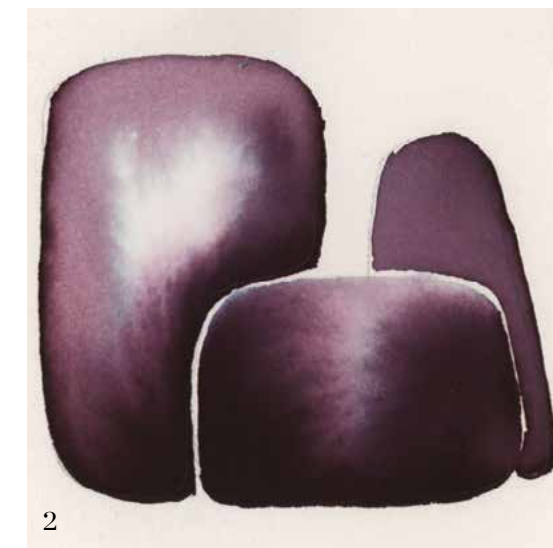
Sou um designer de objetos e mobiliário, e a forma e a ergonomia desses objetos obriga-me a concentrar no contexto da sua produção, nos materiais dos quais são feitos, nas mãos e nas ferramentas que os produzem. Em Lisboa encontrei um novo equilíbrio entre inspiração – a natureza está muito perto – e criação. Também aprendi a trabalhar de forma diferente com o meu atelier em Paris. Portugal ajudou-me a ter mais serenidade no que respeita aos meus projetos, apesar de, há cerca de dois anos, eu estar a trabalhar em designs muito específicos com a equipa parisienne. Eu dedico o meu tempo a projetos de edição e criações customizadas para clientes privados e, em breve, peças de design em meu nome.

**Qual é o papel do design num mundo sempre a mudar?**  
O design não é a coisa mais importante do mundo mas temos >

FLIPRAVES (0) - M&S (0)



**1. Barro Negro.** A primeira coleção é inspirada no sortilégio do fogo, uma tradição de Soenga. **2. Relevô.** Desenho de Noé inspirado na Serra do Caramulo – que serviu de referência a uma série de 4 candeeiros da primeira coleção Made in Situ. **3. Em ação.** Noé a criar Barro Negro, em Molelos. **4. Matéria-prima.** A usada por Noé e os ceramistas com quem colabora.



## «EM LISBOA ENCONTREI UM NOVO EQUILÍBRIO

> de agir responsabilmente quando criamos e produzimos os objetos que habitam o nosso mundo. Esses objetos têm de fazer sentido, têm de ter uma “raison d’être” superior ao ego de quem os desenhou.

**O que o fez decidir desenvolver este projeto – Made in Situ – em Portugal? E porquê agora?**

Há algum tempo que estava à procura de um local que pudesse alojar um projeto deste tipo. Em Paris, estava sempre a viajar. É difícil viver numa selva de cimento quando, como eu, se tem a necessidade absoluta de ligação à natureza e ao mar. Portugal pareceu-me perfeito – uma espécie de Finisterra do sul, um país como uma forte ligação à terra e ao artesanato e, ao mesmo tempo, vanguardista.

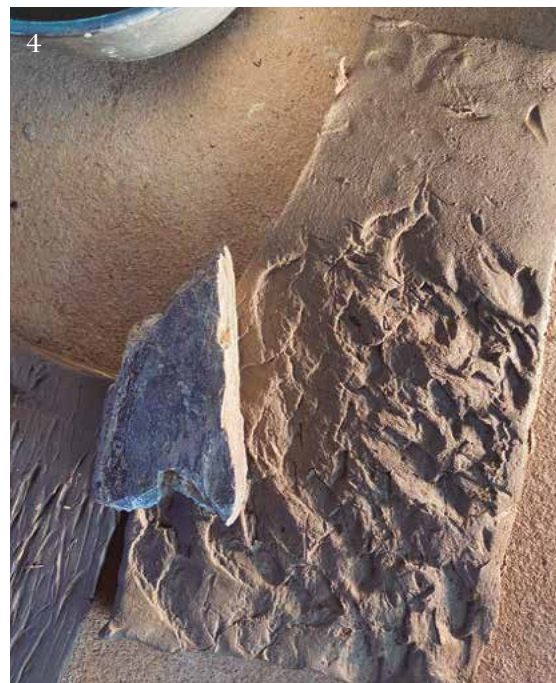
**Como descobriu os artesãos com quem trabalha e que materiais e/ou técnicas mais o fascinam?**

Através do diálogo com designers portugueses amigos ou pessoas como Sam Baron, Toni Grilo ou Emmanuel Babled, que me deram excelentes conselhos, e graças a uma colaboração com Fátima (da Passa ao Futuro, que fez um extraordinário inventário de têxteis portugueses artesanais).

Com a equipa Made in Situ, ao longo dos últimos dois anos, conhecemos artesãos incríveis no terreno. Dois anos de pesquisa, de curiosidades e de algumas descobertas



FLUPAVALDES(0) - DR(0) - NOÉ DU CHAUFOUR(AURANCE(0))



## ENTRE INSPIRAÇÃO, NATUREZA E CRIAÇÃO»

inesperadas... dois anos dedicados a reconhecer terreno que, para mim, foram só o início.

Nesta fase não quero revelar as surpresas previstas mas, neste momento, o Made in Situ está a desenvolver projetos centrados na olaria negra, na cortiça queimada, no mármore e no bronze.

**O que é a sustentabilidade para si?**

Bom senso, e durabilidade. Ser capaz de ouvir.

**Como descreve o Made in Situ? Como é que funciona o estúdio/atelier em termos práticos?**

Made in Situ é a manifestação da perceção de uma dinâmica criativa, enraizada nos tesouros de um território, nos seus artesãos e nas suas ligações sistemáticas à natureza. Tudo isso resulta em vários ciclos, cada qual com as suas próprias características e história.

As peças desenhadas são o fruto das minhas aventuras, da minha exploração de texturas geológicas e biológicas, de padrões, de materiais e de todas as técnicas a eles associadas. Mas, acima de tudo, os meus principais estímulos vêm do conhecimento e da sensibilidade humanas, são elas que fazem a ligação com as especificidades de cada local.

O estúdio Made in Situ de Lisboa existe para apoiar estas aventuras e aprofundar histórias, é uma plataforma >





1. **Jarras redondas.** Fazem parte da coleção Barro Negro e são representações formais da experiência comunitária em Soenga. 2. **Ceramista.** Carlos Lima fazendo um candeeiro. 3. **Em Faro.** Noé escolhe cortiça para uma nova coleção.



> que promove o intercâmbio entre uma série de disciplinas complementares que têm como base o design e o processo criativo, uma plataforma que reflete as mudanças atuais da relação entre os seres humanos e o planeta.

Mais concretamente, vamos tentar lançar uma coleção em edição limitada todas as estações: móveis e objetos de design que vão privilegiar um savoir-faire, um material ou um artesão português. Vamos dedicar o tempo que for preciso a contar as suas histórias e a partilhar o processo criativo que está por trás de cada coleção com uma instalação própria no nosso espaço de Lisboa.

Além disso vamos, pontualmente, convidar um artista ou um chef a interpretar a nossa coleção. O design como link. **Como plataforma que é, o networking é importante?** Sem dúvida. É por isso que esta noção de conexão vai ser o conceito de base da nossa primeira coleção, Barro Negro. Além de que, para mim, o networking é a única forma de conhecer verdadeiramente um país, uma cultura.

**Pode descrever o processo de desenvolvimento de um dos seus projetos/coleções, passo a passo?**

Ao contrário dos meus outros projetos, Made in Situ começa com um encontro – com um material ou com um artesão – e não há planos prévios. Eu ouço e observo o que o artesão tem para me dizer, o que o material sugere, o que o local dá. Os desenhos vêm mais tarde: esboços, formas esculpidas, etc. Depois debatemos os primeiros testes que, para mim, ainda são meras sugestões. Seguem-se muitas idas e vindas, para nos percebermos uns aos outros, para nos conhecermos e para construirmos uma relação de confiança. O projeto só existe através do tempo que optamos por lhe dedicar.

**Qual é o seu projeto/peça/colaboração de sonho?**

Este e outros projetos que estou a desenvolver com a minha equipa de Paris já são um sonho tornado realidade. Com o passar dos anos e com a experiência ganha, aprendi que é importante “perder” tempo a escolher os projetos que quero desenvolver. Projetos que nascem de um encontro, que estão ligados a um território, a um material ou a uma técnica. Tem de haver paixão para eu me envolver.

**Continua a trabalhar como designer pelo mundo inteiro ou está focado no Made in Situ neste momento?**

Made in situ ocupa grande parte do meu tempo e é muito importante para mim mas não é o meu único projeto. Também estou a criar mobiliário feito à medida com artesãos franceses para clientes privados e, em breve, vou lançar um programa de auto-edição com o meu nome.

Em paralelo, continuo a gostar de desenvolver as minhas colaborações com a Bernhardt Design e outras marcas como a Saint Louis ou La Manufacture.

E depois, para a temporada 2020-2021, fui convidado pela Fondation d'Entreprise Hermès para ser diretor pedagógico da quinta edição da Skills Academy.

**Tem mais planos para Portugal?**

É provável que venha a desenvolver projetos extra com alguns artesãos. Mas, para já, vou focar-me no Made in Situ.

**A cooperação é o único caminho para o futuro?**

Todas as abordagens que são sinceras e que não são motivadas apenas pelo desejo de sucesso, que obedecem a uma compreensão mútua entre indivíduos e entre estes e o meio onde estão inseridos, são, para mim, as abordagens que fazem sentido no mundo atual. ●

FLORA ADRES() - NOÉ DU CHAUFOUR(AURANCE)() - DR() - MIS()



«PARA MIM, SUSTENTABILIDADE É BOM SENSO E DURABILIDADE. É SER CAPAZ DE OUVIR»